



Fonte:

MARINO, Leonardo F. Manuel Correia de Andrade: um geógrafo voltado para as causas sociais. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, vol.1, Editora & Letras, 2014, p.101-118.

MANUEL CORREIA DE ANDRADE: UM GEÓGRAFO VOLTADO PARA AS CAUSAS SOCIAIS

Leonardo Freire Marino¹

O senhor escreveu um livro sobre isso... Meu caro, eu tenho mais de cem livros publicados!
Eu acho que escrevi sobre tudo no mundo!

(Manuel Correia de Andrade, 2000)

Escrever um artigo sobre um intelectual é correr o risco de cometer injustiças e imprecisões, mas também pode ser uma das maiores homenagens prestadas a um intelectual. No caso de Manuel Correia de Oliveira Andrade, os riscos de cometer uma injustiça são muito grandes, o que decorre, sobretudo, da imensa contribuição desse pensador para a interpretação do Brasil atual. No entanto, a necessidade de prestar uma homenagem a um intelectual comprometido com as causas sociais supera os riscos.

Esta não é uma biografia de Manuel Correia de Andrade, como também não é uma análise de toda a sua produção. É simplesmente a tentativa de traçar linhas que demonstrem a sua importância para a Geografia e o Brasil, ou seja, uma singela homenagem a um dos pensadores brasileiros mais comprometidos com as causas sociais e com a construção de um Brasil melhor.

Neste sentido, o presente artigo se estrutura em três partes. A primeira, com foco em sua trajetória de vida, terá por objetivo ressaltar alguns pontos que terão influência na formação do homem e que contribuirão para a construção do seu pensamento. A segunda parte, focada em sua atuação intelectual, pretenderá esclarecer as suas maiores influências e preocupações acadêmicas e políticas. A terceira e última parte terá por finalidade analisar as contribuições desse pensador e o seu legado para a Geografia. Nesta etapa, como forma de objetivar nossa

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professor substituto do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política (GeoBrasil). (leofmarino@gmail.com).



discussão, utilizaremos a sua obra mais reconhecida, ‘*A Terra e o Homem do Nordeste*’, publicada em 1963, como elemento norteador.

Uma pequena Biografia

Quando me formei, geografia e história eram o mesmo curso. Então, eu não sei se me consideraria geógrafo ou historiador. Também porque acho que a geografia, ao analisar o espaço, vê os marcos que existem naquele espaço. Mas esses marcos não foram feitos hoje, são o resultado de uma evolução histórica. Por isso é que eu me preocupo muito com a história.

(Manuel Correia de Andrade, 2000)

Nascido em 03 de Agosto de 1922, filho da oligarquia açucareira pernambucana, Manuel Correia de Andrade traçou, ao longo de sua vida, um caminho diferente do que muitos poderiam supor.² Filho de uma família nordestina abastada, desde a sua infância apresentava uma preocupação com os problemas e as desigualdades sociais³, característica pessoal que o marcaria por toda a vida.

Manuel faz seus primeiros anos de estudo em Vicência, localidade de seu nascimento, mas aos dez anos muda-se com sua família para Recife, onde conclui sua formação escolar básica e inicia sua formação acadêmica. Jovem estudante, Manuel Correia dedica-se concomitantemente a duas formações, concluindo, respectivamente, o Curso de Direito e o Curso de Licenciatura em Geografia e História, em 1945.⁴

A preocupação com as causas sociais e com as condições de vida dos mais pobres o levou a ingressar no Partido Comunista, onde outro aspecto marcante de sua personalidade se fez presente, a sua completa falta de afeição a amarras intelectuais e imposições de pensamento. Manuel Correia de Andrade ficou no Partido Comunista por apenas sete meses, mas esse curto espaço de tempo não representou um distanciamento das causas sociais. Como advogado, ele passou a atuar em diversos sindicatos locais, entre eles o dos Ferroviários, o dos

²Manuel Correia de Andrade nasceu no Engenho Jundiá, localizado em Vicência, Zona da Mata, Norte de Pernambuco.

³“*Eu ficava chocado porque aqueles meninos da minha idade não iriam ter oportunidades na vida, e eu, filho de um senhor de engenho, iria. Isso me causava um impacto muito grande. Por que uns tinham e outros não tinham direito?*” ANDRADE, Manuel Correia de. 2000.

⁴“*Eu queria me formar em ciências sociais, mas naquela época era muito difícil porque não havia esse curso em Pernambuco e eu teria de ir para São Paulo. Em 1940 terminei o ginásio, mas houve a queda do preço do açúcar e meu pai não pôde financiar minha ida para São Paulo. Meu pai era bacharel em direito e achei que estudando direito poderia fazer minha sociologia. Quando estava no terceiro ano criaram a Faculdade Particular de Geografia e História, dos Jesuítas. Fiz vestibular e entrei, cursando ao mesmo tempo Geografia e História e Direito. Formei-me nos dois em 1945*”. ANDRADE, Manuel Correia de. 2000.



Trabalhadores da Indústria de Exploração de Pedras de Jabotão e o dos Trabalhadores da Indústria de Papel e Papelão.⁵

Em vista de suas preocupações sociais e inquietação cívica, Manuel Correia de Andrade foi um combativo opositor do Estado Novo, participando ativamente de diversas manifestações de rua e de atos de oposição e exercendo papel relevante na luta pela redemocratização, na Cidade de Recife. Por sua atuação, foi processado e preso pelo Tribunal de Segurança Nacional, em 1944, mas felizmente foi anistiado no ano seguinte, por meio de um decreto presidencial. Entretanto, no dia 02 de março de 1945, participou da passeata que culminaria com a morte do estudante de Direito Demócrito de Sousa Filho e cujo início ocorreu com o ato de rasgar o retrato de Getúlio Vargas no Restaurante Lero-Lero.⁶

Mesmo atuando diretamente na defesa dos Trabalhadores e na luta por um Estado Democrático, o jovem Manuel Correia carrega muitos questionamentos, o que o leva a incrementar seus estudos e leituras e a frequentar assiduamente a Biblioteca Pública do Recife. Gradativamente, o jovem advogado vai cedendo lugar a um intelectual maduro e atento aos problemas do seu tempo e do seu espaço.

Em uma de suas leituras e pesquisas, entra em contato com a obra do sociólogo Caio Prado Júnior, pensador ao qual passa a dedicar especial atenção. Em uma de suas viagens ao sul do Brasil, conhece pessoalmente Caio Prado, surgindo daí uma preciosa oportunidade, pois o ilustre pensador estava selecionando especialistas em Geografia nas diversas regiões do país para escrever sobre as questões agrárias, e propõe a

⁵ “Eu fui do PCB por pouco tempo, na década de 40, quando ele entrou na legalidade. Eu era católico muito fervoroso até os 15, 16 anos. E deixei a Igreja quando um missionário me criticou porque eu lia Renan. Aí eu pensei: entre Renan e a Igreja, fico com Renan. E caminhei para a esquerda. Comecei a ler Lenin, Marx etc. Eu era estudante de direito e na faculdade tinha essas obras, que eram proibidas no Estado Novo. Entrei no PC e militei uns seis ou sete meses. Um dia, cheguei numa reunião da célula do PC com o livro de Trotsky, *Minha vida, debaixo do braço*. Foi um escândalo. Um líder comunista disse: - Você vai deixar esse livro aqui, você não pode carregá-lo. - Posso, eu comprei. - Você é trotskista? - Não, nunca fui. Mas admiro Trotsky, ele escreve muito bem. - Mas ele é inimigo da classe operária. - Eu disse: - Você acha? Mas eu não sou operário! Eu sou da burguesia açucareira. (Havia muita gente da burguesia que era do PC). Aí ele disse: - Então, você tem de escolher entre Trotsky e o PC. - Eu dei a mesma resposta que havia dado entre Renan e a Igreja. - Fico com Trotsky. - E fui embora. Eu era um rebelde!” ANDRADE, Manuel Correia de. 2000.

⁶ Em 02 de março de 1945, no restaurante Lero-Lero, ocorreu um ato político que se encerrou com um grupo de estudantes rasgando e pisoteando um retrato de Getúlio Vargas. Tal fato gerou reação imediata da polícia política e culminou com o recrudescimento das autoridades, que passaram a reprimir violentamente os participantes deste ato. Muitos, fugindo da repressão policial, se abrigaram na redação do Jornal Diário de Pernambuco. No dia seguinte, os estudantes promoveram uma passeata de protesto contra a Ditadura Vargas, diante do Prédio do Diário de Pernambuco, na Praça de Independência. Ao reprimir este ato, a polícia abre-fogo contra a multidão e duas pessoas acabam mortas – o estudante Demócrito de Sousa Filho e o operário Manuel Elias Santos, conhecido como Manuel Carvoeiro. Demócrito, assim como Manuel Correia, era aluno da Faculdade de Direito. Representando os concluintes de Direito do ano de 1945, Manuel Correia é um dos oradores em seu enterro.



Andrade que se encarregue da parte concernente à realidade nordestina. Como fruto desse encontro, nasce a sua obra de maior relevância, *‘A Terra e o Homem do Nordeste’*, livro sobre o qual nos deteremos adiante.⁷

No ano de 1952, Manuel Correia decide se dedicar integralmente ao ensino, abandonando, em definitivo, a carreira de advogado.⁸ Para tanto, assume as disciplinas de Geografia e História do Brasil, nos Colégios Vera Cruz, Padre Félix e Americano Batista, de Geografia Geral, no Colégio Estadual de Pernambuco, de Geografia Física, na Faculdade de Filosofia do Recife, e de Geografia Econômica, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesta última instituição, sua viva presença entre os docentes foi de extrema importância, pois foi um dos principais responsáveis pela criação dos mestrados de Economia (1970) e Geografia (1976), além de ministrar aulas nos cursos de mestrado em Sociologia e Desenvolvimento Urbano.

Como professor, Manuel Correia teve a oportunidade de conhecer profundamente o Brasil e outras realidades nacionais. Foi professor visitante das Universidades de São Paulo (1986-87), Santa Catarina (1988) e Buenos Aires (1997). Proferiu palestras e conferências em diversas regiões do Brasil e em diversos países. Sua presença, no entanto, não foi limitada ao saber em sala de aula, ele também assumiu funções executivas em diferentes instituições. Em 1964, coordenou o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (GEPA), no primeiro governo Miguel Arraes.⁹ Em 1968, durante o governo Nilo Coelho, foi presidente do Grupo de Trabalho para elaboração de sugestões para o processo de reforma agrária, e em 1984, assumiu a Diretoria do Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (CEHIBRA), da Fundação Joaquim Nabuco, cargo que ocupou de 1984 a 2003. Também foi presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1961-1962) e vice-presidente (1970-1972).

Em sua trajetória, recebeu diversas homenagens e títulos, com destaque para os títulos de Doutor Honoris Causa por três Universidades Federais, a do Rio Grande do Norte (1995), a de Alagoas (1994) e a de Sergipe (1995), e uma privada, a Universidade Católica de Pernambuco (1978); de Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco (1990); de Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

⁷ “Recebi uma influência marcante de Caio Prado Júnior, com quem convivi muito, apesar de ele viver em São Paulo e eu em Recife. Foi ele quem me aconselhou a escrever *‘A terra e o homem no Nordeste’* – que é o meu livro mais conhecido –, que ele publicou e prefaciou. E isso permitiu que eu entrasse no mercado editorial paulista. Porque se eu tivesse publicado o livro em Pernambuco, ninguém teria tomado conhecimento. Mas como foi publicado pela Brasiliense, que era uma editora de muito prestígio em 1963, com prefácio de Caio Prado Júnior... Aliás, eu escrevi o livro porque o Caio tinha um projeto de contratar cinco geógrafos, cada um para escrever sobre uma região. Então, me entregou o Nordeste. Não sei a quem ele entregou as outras”. ANDRADE, Manuel Correia de. 2000.

⁸ A sua formação acadêmica prosseguiu no Curso de Altos Estudos Geográficos, na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1956, e no Curso Técnico do Meio Natural da América Latina, no Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris (1964- 65). Em 1966, obteve o título de Doutor em Economia com a Tese *‘A pecuária no Agreste de Pernambuco’*, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco.

⁹ Sua presença na coordenação do GEPA lhe rendeu uma nova prisão e seu consequente exílio, em vista do Golpe Militar de 1964.



(1989). Recebeu, ainda, como reconhecimento de sua contribuição para a ciência brasileira, as medalhas Capes 50 anos, em 2001, e a da Ordem do Mérito Científico, em 2002, ano em que foi eleito membro da Academia Pernambucana de Letras.

Em determinados casos, a descrição de títulos, honrarias e funções exercidas, como as realizadas anteriormente, mais elevam do que espelham o homenageado. Todavia, não é este o caso do Professor Manuel Correia de Andrade. De acordo com sua trajetória de vida, pode-se afirmar que a sua presença entre os homenageados e a assunção de determinados cargos dignificaram os mesmos, pois estamos diante de um pensador incomum, que se preocupava em compreender o mundo com um olhar singular e que, desde a sua infância, carregava a preocupação com as camadas mais empobrecidas de nossa sociedade.

Em vista do que foi dito o momento, podemos afirmar que sua vida e obra são referências para quem busca a construção de um mundo melhor. A seguir, procuraremos traçar algumas de suas principais contribuições para a construção da Geografia brasileira.

Um pensador socialmente comprometido

É muito difícil fazer uma análise sucinta da questão da propriedade da terra no Brasil e da luta travada entre os beneficiários na sua apropriação e os excluídos de participação nos frutos da produção. Isto sem falar que, em geral, são os excluídos os que trabalham a terra e a beneficiam nas mais cruéis condições de remuneração.

(Manuel Correia de Andrade, 2004, p.77)

Manuel Correia de Andrade é, sem dúvida, um autor que marcou a Geografia brasileira, destacando-se como uma referência nacional. O volume de sua produção científica foge aos padrões e limites de muitos pensadores brasileiros, fato que decorre, sobretudo, do seu vigor intelectual. Foram mais de cem livros e cerca de duzentos e cinquenta artigos publicados em diversos idiomas, sobre diversas temáticas. Sua maior preocupação residia em estudar o Nordeste, frequentemente presente em muitas de suas análises. Porém, não existia um limite para a sua obra; sua natureza inquieta e contestatória o impedia de ser provinciano, limitando-se ao regionalismo. Pelo contrário, seu pensamento era cosmopolita, abrangente, criativo e atento aos problemas do seu tempo. Assim, podem ser encontrados em suas produções discussões e estudos sobre temas variados, tais como o Brasil, a América Latina, as relações entre o Brasil e a África e a chamada Globalização.¹⁰

¹⁰ Como podemos observar na relação de obras disponibilizada ao final deste artigo.



Este aspecto, inato à sua personalidade, também pode ser vislumbrado no que diz respeito à sua filiação acadêmica, pois, apesar de sua obra ser centrada na Geografia, são encontradas importantes contribuições para a História, a Economia e outras áreas do conhecimento. Tal fato, de um ponto de vista mais abrangente, se associa a uma necessidade de não se prender ou se limitar a doutrinas ou a uma rigidez metodológica.¹¹ De um ponto de vista mais específico, Manuel Correia de Andrade é um pensador com uma formação na qual os cursos de Geografia e História estavam mesclados, o que o leva a utilizar um modelo histórico-estrutural rico e abrangente, que utiliza diversos saberes para construir uma Geografia de cunho social.¹²

Sua preocupação com o Nordeste se inscreve em uma de suas principais influências, a abordagem Regional de Vidal de La Blache. Para Manuel Correia, as principais tarefas dos geógrafos seriam delimitar, descrever e explicar as parcelas do espaço, evidenciando as diversidades regionais. A Região representaria o conceito mais importante da Ciência Geográfica, uma vez que seu estudo evidenciaria os elementos constitutivos da natureza e da sociedade. Se Andrade centrava seus estudos em uma Geografia de cunho regionalista, não se pode delimitar seu pensamento a esta visão; é notório o seu pioneirismo e audácia em produzir, no início dos anos 1960, uma Geografia que ao mesmo tempo carregava um viés regional e histórico-crítico, fato evidenciado pela denúncia do ‘atraso nordestino’ e na ‘falta de dinamismo’ de suas atividades.¹³

Como pensador de seu país, preocupado em interpretar os problemas estruturais brasileiros, Manuel Correia de Andrade apresentou uma identidade intelectual com o pensamento de Caio Prado Júnior, Josué de Castro e Nelson Werneck Sodré.¹⁴ No entanto, sua formação apresenta influência de pensadores oriundos de diversas áreas do conhecimento e com diferentes matrizes políticas, como no caso de Joaquim Nabuco, Euclides

¹¹ “La Geografía es una ciencia eminentemente social y al estudiar la producción y la reproducción del espacio tiene que encarar la relación entre la sociedad y la naturaleza, la especialización, en el nivel en que está exigido, puede perjudicar al geógrafo como cientista y como profesional de la Geografía, haciendo que adopte una visión falsa, distorsionada de la realidad con la que actúa.” GALLERO, Álvaro Lopez. 2009:16.

¹² “Manuel Correia de Andrade (...) não compartilha da visão setorialista segundo a qual teríamos uma geografia fatiada, inclusive, ele não adota esta visão positivista para os vários ramos da ciência. Para ele, há uma só ciência que, por conveniência e por influência de determinadas correntes de pensamento, a ciência se viu levada a romper com uma visão integradora, como era própria dos grandes sábios do passado em favor de campos específicos de questionamento.” EVANGELISTA, Hélio de Araújo. 2010: 94-95.

¹³ “(...) para ele, principalmente durante os anos 1960-80, a região era uma realidade histórica e administrativa, com polos de crescimento e determinados recursos naturais. Aos poucos, na França, no Brasil e noutros países, ganham centralidade os elementos humanos e históricos diante dos naturais compreendidos em determinadas áreas. Neste processo de renovação, Manuel Correia de Andrade se destaca tanto pelo pioneirismo como pela audácia de produzir, já nos anos 1960, uma geografia regional histórico-crítica centrada na denúncia da problemática do desenvolvimento desigual brasileiro, sobretudo das desigualdades internas, como ele afirmaria, da região Nordeste.” SAQUET, Marcos Aurélio. 2010:5.

¹⁴ “Eu recebi uma influência muito forte do Nelson Werneck Sodré, embora tivesse uma certa divergência com ele, porque o acho muito mecanicista. Recebi uma influência muito grande de Josué de Castro e também de um professor francês, Pierre Monbeig, que foi meu diretor de estudos na Universidade de Paris.” ANDRADE, Manuel Correia. 2000.



da Cunha e Manoel Bonfim, no que diz respeito ao Brasil, e Rosa Luxemburgo, Trotski e Lenin, no que diz respeito ao mundo e às questões sociais.¹⁵

Para Andrade, a maior parte dos problemas sociais brasileiros teria raízes nos primeiros anos do Brasil Colonial, especialmente nos processos de formação de uma sociedade com uma hierarquia excludente e autoritária. Para ele, muitos desses aspectos permaneceram inalterados e acarretam muitas mazelas em nossa sociedade. Este seria o caso, por exemplo, da questão agrária e do latifúndio, que seriam marcas do processo colonial e constituiriam uma das maiores mazelas do Brasil atual.¹⁶ Manuel Correia sempre foi enfático ao afirmar que a questão agrária era um problema fundamental no Brasil. No entanto, de maneira brilhante, ele afirmava que o Brasil não necessitaria de uma reforma agrária, mas de diversas ‘reformas agrárias’, pois as necessidades dos trabalhadores rurais não seriam uniformes e não deveriam ser pautadas apenas pelo acesso à terra.

Segundo sua concepção, a reforma agrária deve voltar-se tanto para a democratização do acesso à terra, garantindo a propriedade para o trabalhador rural, como pela orientação do que produzir, de como produzir e do destino que deve ser dado à produção. Ela deve atingir tanto as formas quanto as funções da produção. Neste caso, ele acredita que seria fundamental a tomada de posição por parte do poder público em favor da reforma agrária, e que o latifúndio e, por consequência, os latifundiários, deveriam ser vistos como agentes desestabilizadores da economia e da sociedade brasileira, pois acentuam o processo de crescimento da miséria e de acumulação de capital, empobrecendo parcelas significativas da população.

O passado colonial, aliado a uma estrutura de classes derivada de um passado escravista e latifundiário, que resultaram em formas de governo oligárquicas, baseadas em um sistema excludente e concentrador dos meios produtivos, teriam determinado as condições de subdesenvolvimento não apenas no Nordeste, mas em todo o Brasil. A superação das disparidades regionais, assim, para Andrade, representaria a superação do subdesenvolvimento para o país.

¹⁵ “Eu li muito Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Manoel Bonfim, que faz uma excelente interpretação do Brasil. Sou muito influenciado pelas obras de Marx, Engels, Kautski, com a questão agrária, Rosa Luxemburgo, Trotski, Lenin. Na minha adolescência, tinha verdadeiro embevecimento com a obra de Trotski.” ANDRADE, Manuel Correia de. 2000.

¹⁶ “O Brasil deveria ter realizado uma série de reformas estruturais que já eram defendidas no século passado e que até hoje não foram concretizadas. A principal delas é a reforma agrária. Joaquim Nabuco, em 1884, defendeu a sua necessidade. Depois, o imperador, feita a abolição, ainda quando o gabinete era chefiado por João Alfredo, propôs que se estudasse a possibilidade de desapropriação de terras situadas às margens dos rios navegáveis e das estradas de ferro, para instalação de colonos. Com a República e o crescimento da população, se fez a marcha para o Oeste, ocupando a Amazônia. Mas se transferiu para a área as instituições fundiárias existentes no resto do país. Não houve mudança. Nos Estados Unidos, quando houve a expansão para o Oeste, foi feita uma real distribuição de terra. No Brasil nunca se fez isso, e é provável que uma das causas do desenvolvimento dos EUA tenha sido esta. Eles produziram cidadãos, e nós não.” (Manuel Correia de Andrade, 2000)



Manuel Correia de Andrade foi um pensador comprometido com o seu tempo e com o seu espaço. Nordeste, conviveu com as agruras de uma sociedade desigual, alicerçada em valores coloniais e excludentes. Como brasileiro, percebeu as profundas relações entre o latifúndio e a pobreza vivenciada em diversas regiões do Brasil. Como cidadão do mundo, vislumbrou que tais relações não se limitavam ao *‘seu nordeste ou ao seu Brasil’*, sendo dialeticamente compartilhadas em diversas partes do globo.

Seu maior legado para a Geografia reside em suas preocupações com as problemáticas do campo, uma vez que, de maneira incipiente, contribuiu para a construção de uma Geografia Agrária. Não obstante, sua obra deve ser encarada como uma das principais contribuições para a construção do pensamento agrário brasileiro, o que não se limita à Geografia, e o coloca como um dos maiores intérpretes do Brasil.

Como espero ter demonstrado, a reforma agrária foi uma de suas maiores *‘paixões teóricas’*, e constituiria, para ele, uma demanda social que deveria ser executada à luz de uma profunda reflexão teórica. Preocupação que, como veremos adiante, fica evidente em sua obra de maior relevância.

A Terra e o homem do Nordeste por um homem do Nordeste

Estudar o Nordeste brasileiro é impossível sem conhecer *‘A Terra e o Homem no Nordeste’*, de 1963.

(Wagner Ribeiro e Paulo Soares, 2009, p. 4)

Em 1963, Manuel Correia de Andrade publica sua obra de maior relevância, *‘A Terra e o Homem do Nordeste’*, livro que procurava esclarecer políticos e estudiosos não apenas sobre a necessidade de realização de uma reforma agrária, mas também sobre o caminho a percorrer para realizá-la. O livro, de forte apelo político, foi censurado e apreendido após a sua publicação, uma vez que o Governo Militar, iniciado em 1964, considerava-o como um material de cunho subversivo.

Nessa obra, Andrade destaca como conceito principal a Região, considerando-a como a instância espacial capaz de integrar os elementos da natureza e da sociedade, evidenciando características fundamentais do Nordeste no uso da terra, na ocupação e nas relações de trabalho existentes.¹⁷ Para tanto, ele utiliza como elemento

¹⁷“(…) para os que se preocupavam em entender a realidade social e econômica do Nordeste, a regionalização contida no livro de Manuel Correia fornecia um painel que ao mesmo tempo mostrava a heterogeneidade da sociedade nordestina e agrupava realidades com características e problemas comuns, notadamente da perspectiva das condições de vida, das relações de trabalho e da problemática



norteador de suas análises as diferenças climáticas, que, a seu ver, teriam uma grande influência nas formas de exploração da terra¹⁸.

Manuel Correia de Andrade divide o território nordestino em três sub-regiões, a saber: Mata e Litoral Ocidental, Agreste e Sertão e Litoral Setentrional. Tendo por base essa divisão, Manuel Correia realiza a dispersão das atividades econômicas e suas inter-relações. Para ele, a economia da cana prevalecia em todas as sub-regiões, o que poderia ser observado pela complementaridade das diversas fazendas aos canaviais. Além disso, a figura do Senhor de Engenho gozava de um prestígio em todo o Nordeste, o que explicitaria a existência de uma influência do latifúndio para além da propriedade da terra¹⁹.

Para muitos estudiosos, *‘A Terra e o Homem do Nordeste’* representa uma das principais contribuições acadêmicas para o entendimento do Brasil e um marco fundamental para os estudos agrários do Nordeste²⁰. Isso se dá, principalmente, por trazer para o debate aspectos que até esse momento não eram encarados como essenciais, como, por exemplo, as diversas condições de vida do trabalhador rural e sua relação com a terra. Nas palavras de Medeiros (2010), nessa obra a questão agrária brasileira é despida de suas vestes falsas para ser vista de forma clara e transparente.²¹

Para Saquet (2010), é importante salientar o pioneirismo dessa obra, pois precede o movimento da Geografia Crítica no Brasil, em meados dos anos de 1970. Assim, sua publicação antecede o movimento de inserção do pensamento marxista na Geografia.²² *‘A Terra e o Homem do Nordeste’* caracterizaria uma Geografia de transição, caminhando, temporalmente, de uma Geografia Nova para abordagens consideradas mais radicais, com um caráter político muito forte, que caracterizam a chamada Geografia Crítica.²³

agrária. Além disso, na sua descrição ela jamais deixou de considerar a diversidade e heterogeneidade que estavam não só presentes, mas em processo de transformação em cada uma das unidades espaciais consideradas.” NETO, Leonardo Guimarães. 2010, p.142.

¹⁸ ANDRADE, Manuel Correia de. 1963, p.12.

¹⁹“*Em toda a região estruturou-se, nesse período, uma sociedade aristocrática dividida em classes. No ápice aparecia a figura do senhor-de-engenho, com um prestígio e poder que eram tanto maiores quanto maior fosse a extensão de suas terras, a produção dos seus canaviais ou o número de escravos que possuísse.(...)*” ANDRADE, Manuel Correia de. 1963, p74.

²⁰ Como salientado pela Prof^a Maria Adelia. "Esse livro é uma obra prima da geografia brasileira. Em termos de requinte intelectual e de demonstração das condições de vida do povo nordestino, ele representa para o Nordeste aquilo que Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, representa para Minas Gerais". FAPESP, 2007.

²¹ MEDEIROS, Rosa Maria. 2010:195.

²² “*A ‘Terra e o Homem no Nordeste’ imprime na Geografia Agrária Brasileira o início de uma fonte de análise para estudos posteriores: a estrutura fundiária e as relações de trabalho no campo. Importante salientar que esta obra antecede o movimento da Geografia Crítica no Brasil, marcado pelo grande acontecimento geográfico nacional: o Encontro Nacional de Geógrafos – a segunda maior reunião científica nacional –, ocorrido em Fortaleza em 1978. Assim, a publicação da obra citada antecede a inserção maior do pensamento marxista na Geografia.*” RIBEIRO, Wagner da Costa e SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. 2009:7.

²³ A Chamada Geografia Nova, também conhecida como Geografia Pragmática, vigorou no Brasil entre os anos de 1950 e 1960 e foi marcada pela produção de dados voltados para os interesses estatais.



Mesmo com seu reconhecimento e relevância, no período de sua publicação, e ainda hoje, esta importante obra é objeto de muitas críticas. Para alguns estudiosos, seu caráter político-militante torna(va) esse livro uma obra não-científica, em decorrência, principalmente, de não seguir os rigores do meio acadêmico. Tal fato, curiosamente, foi confirmado pelo próprio autor, que não considerava a obra como acadêmica. Para Manuel Correia, ‘*A Terra e o Homem do Nordeste*’ constituiria uma obra de militância, uma ‘*denúncia científica*’ das mazelas do campo brasileiro, uma obra engajada na luta por uma reforma agrária.²⁴ Segundo o autor, esse livro lhe deu cargos importantes e elogios mas também lhe rendeu prisões.

Não obstante as críticas e discordâncias, esse estudo merece destaque no conjunto da obra de Manuel Correia de Andrade, por mostrar a capacidade intelectual deste pensador em articular diversos campos de estudo, antecipando um saber transdisciplinar engajado e com forte preocupação social. Essa obra revela muito de um aspecto que sempre o acompanhou, uma vez que para ele é impossível conhecer uma situação econômica, uma realidade social, sem estar a par de um quadro natural no qual a população está inserida.²⁵ Neste sentido, a seguir relacionarei alguns pontos que fazem essa obra singular e fundamental para quem busca estudar o Nordeste e a questão agrária no Brasil.

Diferentemente do que prevalecia na época em que os saberes eram estanques e ocorriam poucos diálogos entre diferentes campos da ciência, Manuel Correia de Andrade utiliza seu vasto conhecimento histórico, geográfico, econômico, social, político e empírico para evidenciar e traçar um quadro analítico dos elementos constitutivos do espaço regional nordestino.²⁶ Fica evidente nesse processo um traço marcante de sua personalidade acadêmica, o reduzido compromisso com as delimitações científicas, uma vez que para ele existiria apenas uma ciência social.

Outro aspecto marcante dessa obra é a superação do empirismo das ciências naturais e das heranças do determinismo geográfico presente nas análises regionais. Para tanto, Manuel Correia de Andrade aponta as

²⁴“Procurei parâmetros que indicassem a relação entre o meio natural e a ação do homem. Não fui rígido em metodologia porque acho que, se você for muito rígido em metodologia, pode matar o ponto central de um livro [...] Eu queria servir à necessidade da reforma agrária.” ANDRADE, Manuel Correia de. 1963: 24.

²⁵ “Esta obra revela muito de um aspecto que sempre o acompanhou, a saber, é impossível conhecer uma situação econômica, uma realidade social enfim, sem estar a par do quadro natural no qual a população está inserida e muito particularmente em que termos se dá esta relação. Relação esta que de forma alguma é determinística, ou seja, é o social que determina, é o ambiental que determina. A sua reflexão enseja o desafio aos economistas, aos sociólogos, e também aos geógrafos, de ter sempre em conta que o meio ambiente é um nervo básico do fato social. A rigor, ele procurava conhecer o meio ambiente para melhor entender a população que dele dependia”. EVANGELISTA, Hélio de Araujo. 2010: 98.

²⁶ “(...) um paciente e exaustivo trabalho de campo, que se complementa de larga informação de conhecimentos geográficos, econômicos e sociológicos gerais [...]. E agora podemos dizer que pela primeira vez nos é apresentada a análise de conjunto da economia agrária nordestina, numa síntese de alto valor científico.” PRADO JUNIOR, Caio in ANDRADE, Manuel Correia de. 1963:14.



relações entre a sociedade e a produção e expõe, de forma clara, suas posições políticas em defesa dos movimentos sociais, principalmente no que diz respeito às Ligas Camponesas. Além disso, Andrade demonstra a indissociabilidade do rural e do urbano, apontando que as políticas implementadas no espaço rural atingiriam também o espaço urbano, sendo responsáveis pela melhoria no fornecimento de alimentos para os centros urbanos.²⁷

Por último, vale destacar o seu pioneirismo em relação a uma das maiores preocupações do mundo atual, a sustentabilidade ambiental. Para ele, era fundamental o desenvolvimento de uma tecnologia para a agricultura minimamente comprometida com o ambiente natural.²⁸

Mesmo que tais pontos tenham sido elencados a partir de uma de suas obras, podemos afirmar que esses aspectos permeiam toda a vasta produção de Manuel Correia de Andrade, dando-lhe individualidade e relevância no conjunto das Ciências Humanas e, sobretudo, na Geografia brasileira. O pioneirismo de Andrade, como espero ter demonstrado, foge de matrizes de pensamento. Mesmo que ele carregasse uma forte influência de pensadores clássicos e de cunho marxista, não se limitava a amarras, realizando uma Geografia Transversal, incipiente e visionária. Disso decorre o seu maior legado.

Conclusão

“Um professor nunca é o dono da verdade: é um guia, um indicador da verdade que cada estudante deve encontrar por si mesmo. Um bom professor é apenas um catalisador.”

Manuel Correia de Andrade, 2000

Manuel Correia de Andrade dedicou sua vida a entender a Geografia Humana, a História e as relações de poder no Nordeste brasileiro. Foi um intelectual nordestino cuja preocupação não se limitou ao Nordeste, mas nunca o deixou de lado. Um geógrafo que não se limitou à Geografia ou a nenhuma estrutura rígida de pensamento. Foi sensível às mudanças metodológicas, mas nunca ficou refém de nenhuma delas. Fica-nos o

²⁷ “Um sistema cooperativista com apoio oficial poderia melhorar as culturas e as condições de vida dos agricultores, contribuindo assim com a elevação do nível de vida e da capacidade de consumo dos mesmos, assim como para melhorar o abastecimento dos centros urbanos.” ANDRADE, Manuel Correia de. 1963:76

²⁸ “Tanto quanto a reforma de uma estrutura, torna-se premente a reforma de uma mentalidade, é preciso dar educação ao povo para que aprenda a tratar a terra de forma mais adequada, permitindo que ela produza o máximo com o mínimo desgaste.” ANDRADE, Manuel Correia de. 1963:45.



exemplo de uma vida dedicada à ciência. Mais do que isso, fica-nos o testemunho de um intelectual que construiu uma vasta e respeitada obra científica em defesa da justiça e da igualdade social.

Em sua vida sempre esteve ao lado das iniciativas progressistas, em defesa da equidade na distribuição de terras e de renda no campo e em toda a sociedade brasileira. Foi um dos grandes pensadores da questão agrária no Nordeste brasileiro, um intelectual comprometido com o povo e que manteve, ao longo de seus 84 anos de vida, coerência entre seu pensamento e seus ideais.

Sua simplicidade transparece ao afirmar sua falta de rigidez em seguir manuais metodológicos, pois, no seu entender, a metodologia representava um meio, e não um fim em si mesmo. Seu compromisso com a vida se expressou em servir as causas sociais e seu sonho se cristalizou na crença de que a reforma agrária no Brasil seria possível.

Manuel Correia de Andrade foi um exemplo ao perseguir seus ideais por meio de uma produção consistente e engajada. Deixa um profundo legado para quem, como ele, está disposto a alterar o curso do país e do mundo. Foi, sem dúvida, um pensador do mundo e um cidadão do Nordeste.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. A questão do território no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2. ed., 2004 (1995).

_____. O Nordeste e a questão regional. São Paulo: Ática, 1993.

_____. A Terra e o Homem no Nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1963. EVANGELISTA, Hélio de Araújo. Manuel Correia de Andrade e a perspectiva ambiental de seu pensamento econômico. Economia política do desenvolvimento. Maceió, vol. 3, Edição Especial, ago. 2010. pp. 91-10.

GOETTERT, Jones Dari. Manuel Correia de Andrade, Correinha: (Terra e) Homem do Nordeste. Revista Terra Livre. Presidente Prudente, Ano 23, v.1, n. 28, jan- jun/2007. pp. 15-26.

LIMA, Marcos Costa. Homenagem a Manuel Correia de Andrade: a Geografia e a Política do Nordeste Brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 22, n°. 65, 2007, pp. 5-7.

MARTINS, César Augusto Ávila. Geografia, economia e planejamento na obra de Manuel Correia de Andrade. Geosul, Florianópolis, v. 26, n. 51, jan./jun. 2011. pp. 9-37.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Manuel Correia de Andrade e a questão agrária brasileira. Economia política do desenvolvimento. Maceió, vol. 3, Edição Especial, ago. 2010. pp. 191-203.



MOREIRA, Emília, et al. Manuel Correia de Oliveira Andrade: Uma vida de trabalho em defesa de uma ciência geográfica socialmente comprometida. Revista OKARA: Geografia em debate, João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB, v.1, n.1, 2007. pp. 1-152.

NETO, Leonardo Guimarães. Repercussões iniciais de 'A terra e o homem no Nordeste'. Economia política do desenvolvimento. Maceió, vol. 3, Edição Especial, p. 137-152, ago. 2010.

RIBEIRO, Wagner da Costa e SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Cidadania e reforma agrária no Brasil: a herança de Manoel Correia de Andrade. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de abril de 2009, vol. XIII, n. 288. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-288.htm>.

SAQUET, Marcos Aurélio. Contribuições para o entendimento da obra de Manuel Correia de Andrade: Geografia, Região, Espaço e Território. GeoUERJ, Rio de Janeiro - Ano 12, n. 21, v. 2, 2º semestre de 2010.

O homem do Nordeste - Entrevista com Manuel Correia de Andrade. Revista Teoria e Debate, São Paulo, n.45. jul/set 2000. Disponível em: <http://www.direitos.org.br>

Agência FAPESP – Morre Manuel Correia de Andrade aos 84 anos. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/7338>

Principais obras do autor:

ANDRADE, Manuel Correia de; POTENGI, Giselia Franco (Coords.); SUDENE. Departamentos de Recursos Humanos. Dinâmica das microrregiões de intensa atividade migratória. Recife: SUDENE, 1980. 4v.

_____. A questão do território no Brasil. São Paulo: HUCITEC; Recife: Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas, 1995. 135p. (Série Geografia: Teoria e Realidade n. 29).

_____. A terra e o homem do Nordeste. 6 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998. 305p.

_____. Abolição e reforma agrária. São Paulo: Ática, 1991. 86p. (Princípios n.109).

_____. Aceleração e freios ao desenvolvimento brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1973. 183p.

_____. Agricultura \$ Capitalismo. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979. 115p. (Brasil Ontem e Hoje).

_____. Área do sistema canavieiro: planejamento global. Recife: SUDENE, 1988. 686p. (SUDENE. Estudos Regionais n.18).

_____. As raízes do separatismo no Brasil. São Paulo: Ed. Unesp ; Bauru: EDUSC, 1999. 189p.

_____. Aspectos geográficos da região de Ubá. São Paulo: AGB, 1961. 77p. (Associação dos Geógrafos Brasileiros n.1)

_____. Brasil e a África. Rio de Janeiro: Laboratório Prod. Mineral, 1989. 80p.



- _____. Brasil e a América Latina. Rio de Janeiro: Laboratório Prod. Mineral, 1989. 79p. (Repensando a Geografia).
- _____. Caminhos e descaminhos da Geografia. Campinas: Papirus, 1989. 85p. (Série Educando).
- _____. Cidade e Campo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1974. 223p.
- _____. Classes sociais e agricultura no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1985. 105p. (Estudos e Pesquisas n. 39).
- _____. Desafio ecológico: utopia e realidade. São Paulo: HUCITEC, 1994. 108p.
- _____. Economia pernambucana no século XVI. Recife: Arquivo Público Estadual, 1962. 118p.
- _____. Espaço, polarização e desenvolvimento. Recife: Centro Reg. Ad, Municipal, 1967. 150p.
- _____. Estado, capital e industrialização do Nordeste. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981. 101p.
- _____. Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina. São Paulo: Atlas, 1970. 177p.
- _____. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. 143p.
- _____. Geografia: região e desenvolvimento; introdução ao estudo do aménagement du territoire. São Paulo: Brasiliense, 1971. 95p. (Ciências Sociais).
- _____. Geografia: região e desenvolvimento; introdução ao estudo do “aménagement du territoire”. 3ed. Recife: UFPE/Ed. Universitária, 1977. 85p. (Cadernos do Instituto de Ciências Políticas e Sociais n.7).
- _____. Geopolítica do Brasil. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios n.165).
- _____. Geopolítica do Brasil. São Paulo: Ática, 1989. 64p. (Princípios n.165).
- _____. Globalização e Geografia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996. 127p.
- _____. Guerra dos Cabanos. Rio de Janeiro: Conquista, 1985. 237p. (Temas Brasileiros v.7).
- _____. História econômica e administrativa do Brasil. 2 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, [1996?]. 193p.
- _____. Histórias das usinas de açúcar de Pernambuco. Recife: Fundação Nabuco; Massangana. 1989. 114p. (República v.1).
- _____. Latifúndio e reforma. São Paulo: Duas Cidades. 1980. 115p. (História e Sociedade).
- _____. Lutas camponesas no Nordeste. São Paulo: Ática, 1986. 64p.
- _____. Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira, seu impacto ecológico e social. São Paulo; UNESP, 1994. 250p.
- _____. Movimentos nativistas em Pernambuco setembrizada e novembrada. Recife; UFPB, 1971. 133p.
- _____. Nordeste brasileiro e a Revolução Francesa. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992. 131p. (Cursos e Conferências n.50).
- _____. Nordeste: a reforma agrária ainda é necessária? Recife: Guararapes, 1981. 119p. (Cadernos Guararapes, v.2).
- _____. Nordeste: espaço e tempo. Petrópolis: Vozes, 1970. 182p. (Coleção Caminhos Brasileiros n.5).



- _____. O Nordeste e a questão regional. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios n.156).
- _____. Os rios Coruripe e São Miguel. Recife: Inst. Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1959. 96p. (os rios-do-açúcar do nordeste oriental n.4).
- _____. Paisagens e problemas do Brasil. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. 277p.
- _____. Paisagens e problemas do Brasil. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. 1v.
- _____. Planejamento regional e o problema agrário no Brasil. São Paulo: HUCITEC. 1976. 180p. (Série Estudos Brasileiros n.4).
- _____. Poder político e produção de espaço. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1984. 129p. (Estudos e Pesquisas / FUNDAJ n. 30).
- _____. Povo e o poder. Belo Horizonte: Oficina Livros, 1991. 100p.
- _____. Processo de ocupação do espaço regional do Nordeste. Recife: SUDENE, 1979. 67p. (SUDENE. Estudos Regionais, n.1).
- _____. Sentido da colonização. Recife: 20-20 Comunicações e Editora, 1994. 102p.
- _____. Serra de Ororoba: contribuição ao estudo dos níveis de erosão do Planalto da Borborema. S.l., S.n., [195-]. 19p.
- _____. Sertão Sul. Recife: SUDENE, 1984. 674p. (Sudene. Estudos Regionais n. 11).
- _____. Tradição e mudança: a organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do submédio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 114p.
- _____. Uma geografia para o século XXI. Recife: Cia Ed. Pernambuco, 1993. 114p.
- _____. Usinas e destilarias das Alagoas: uma contribuição ao estudo da produção do espaço. Maceió: EDUFAL, 1997. 134p.
- _____. Usinas e destilarias nas Alagoas. [Mossoró]: Fundação Guimarães Duque, 1992. 105p. (Mossoroense. Série C; v. 779).
- _____. Vale do Siriji: um estudo de geografia regional. S.l., s.n., 1958. 119p.
- _____. SUDENE. Divisão de Política Espacial. Áreas de domínio da pecuária extensiva e semi-intensiva na Bahia e norte de Minas Gerais. Recife: SUDENE, 1982. 496p. (SUDENE. Estudos Regionais n.7).
- _____. MUSEU DO AÇÚCAR. História Social da agroindústria canavieira: curso sobre a história social da agroindústria canavieira. Recife: Inst. Do Açúcar e do Alcool, 1974. 127p. Conferencistas: Manuel Correia de Andrade, Amaro Quintas, Tadeu Rocha, Nilo Pereira, Nelson Saldanha, Gilberto Freyre e Vamireh Chacon.
- _____. Joaquim Nabuco: A abolição e a República. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. 102p. (Série Coleção Nordestina n.1).
- _____. Elisee Reclus: geografia. São Paulo: Ática, 1985. 200p. (Grandes Cientistas Sociais n.49).
- ANDRADE, Manuel Correia de; LESER, Walter; SACHS, Ignacy et al. Meio ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento. São Paulo: HUCITEC.